

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ENSINO DA LITERATURA EM SALA DE AULA

Autoras: Raissa Gonçalves de Andrade MOREIRA
Universidade Federal de Campina Grande
Samyra Ferreira Ramos RODRIGUES
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora: Tássia Tavares de OLIVEIRA
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

A experiência prática em sala de aula é de importância fundamental para a formação do docente. Mas para a formação aprofundada desse profissional, é preciso que a experiência junto aos alunos aconteça tanto no ensino de Língua Portuguesa quanto ao ensino de Literatura, sempre atentando para as especificidades que cada uma dessas áreas demanda. O presente Relato de Experiência refere-se à disciplina de *Estágio Ensino de Literatura: ensino fundamental* do curso de graduação em Licenciatura em Letras – Português, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* Campina Grande, pensando na relação entre teoria e prática, é parte integrante do PPC do curso de Letras a atividade prática, materializada pela experiência de estágio. O trabalho em questão é dedicado ao período de regência das alunas-autoras em uma escola estadual de ensino fundamental e médio, situada na cidade de Campina Grande. Esse período de prática na escola foi realizado nos dias 24 e 26 de fevereiro e também no dia 10 de março, do ano de 2014. Esses três dias de atividades aconteceram no período matutino através da participação dos alunos no curso piloto *Literarte* dedicado aos alunos do 7º ao 9º anos. A partir de tal experiência este relato tem como objetivo principal discutir o ensino da Literatura de Cordel em sala de aula. Também almejamos analisar o trabalho realizado junto aos alunos, atentando para a maneira como as atividades foram desenvolvidas e a recepção dos alunos. A partir desses objetivos, somos levados a refletir sobre diversas questões quanto ao ensino da literatura na escola: O que devemos priorizar para o trabalho da literatura na sala de aula, o trabalho com os grandes cânones da literatura, ou o trabalho com obras mais populares? Ao ensinar literatura, estamos tentando ensinar o aluno a gostar de ler? Ao pensarmos sobre as questões anteriormente apresentadas podemos compreender a complexidade sobre o ensino da literatura. A fim de atender aos objetivos e questionamentos previamente elencados, nos fundamentaremos nos preceitos de Cosson (2013) e Guimarães (2012), autores estes que discorrem sobre o desafio de ensinar literatura e da formação do professor de literatura. Para adentrarmos no estudo específico no ensino de literatura de cordel, nos respaldaremos nas teorias de Galvão (2001), Magalhães (2005), Pinheiro (2001). E para complementarmos nossas reflexões, contamos também com os apontamentos do PCN (1998) atentando para a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, entre outros.

Palavras-chave: Relato de experiência. Estágio. Licenciatura. Literatura de cordel.

1. INTRODUÇÃO

A experiência prática em sala de aula é de importância fundamental para a formação do docente. Mas para a formação aprofundada desse profissional, é preciso que a experiência junto aos alunos aconteça tanto no ensino de Língua Portuguesa quanto ao ensino de Literatura, sempre atentando para as especificidades que cada uma dessas áreas demanda.

Um dos aspectos de grande relevância da prática de estágio nas licenciaturas é a integração das questões teóricas às questões práticas. Essa integração entre teoria e prática possibilita a construção de conhecimento significativo pela ação/reflexão, o que é de suma importância para a vida profissional desse professor que está em formação.

Pensando na relação entre teoria e prática, é parte constituinte do PPC do curso de Letras a atividade prática, materializada pela experiência de estágio. O trabalho em questão é dedicado ao período de regência das alunas-autoras em uma escola estadual de ensino fundamental e médio, situada na cidade de Campina Grande. Esse período de prática na escola foi realizado nos dias 24 e 26 de fevereiro e também no dia 10 de março, do ano de 2014. Esses três dias de atividades aconteceram no período matutino através da participação dessas alunas no curso piloto *Literarte* dedicado aos alunos do 7º ao 9º anos, na escola referida.

A partir da experiência fornecida pelo trabalho com os alunos no curso *Literarte*, este relato tem como objetivo principal discutir o ensino da Literatura de Cordel em sala de aula. Também almejamos analisar o trabalho realizado junto aos alunos, atentando para a maneira como as atividades foram desenvolvidas e a recepção dos alunos. Acreditamos que além de se estudar teoricamente a experiência de estágio, é preciso pensar sobre o nosso objeto de estudo – no caso a literatura – que por ser uma área subjetiva deve apontar para o viés epistemológico, na intenção de despertar nos alunos o senso crítico, bem como sua capacidade de observação sobre a realidade social, histórico e política da literatura.

A partir desses objetivos, somos levados a refletir sobre diversas questões quanto ao ensino da literatura na escola: O que devemos priorizar para o trabalho da literatura na sala de aula, o trabalho com os grandes cânones da literatura, ou o trabalho com obras mais populares? Ao ensinar literatura, estamos tentando ensinar o aluno a

gostar de ler? Ao pensarmos sobre as questões anteriormente apresentadas podemos compreender a complexidade sobre o ensinar da literatura.

A fim de atender aos objetivos e questionamentos previamente elencados, nos fundamentaremos nos preceitos de Cosson (2013) e Guimarães (2012), autores estes que discorrem sobre o desafio de ensinar literatura e da formação do professor de literatura. Para adentrarmos no estudo específico no ensino de literatura de cordel, nos respaldaremos nas teorias de Galvão (2001), Magalhães (2005), Pinheiro (2001). E para complementarmos nossas reflexões, contamos também com os apontamentos do PCN (1998) atentando para a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, entre outros.

Assim, segue o relato que apresentará a nossa experiência docente no ensino de literatura, apontando realizações, possibilidades e dificuldades; trazendo planejamentos, materiais selecionados para as aulas e trabalhos que foram executados juntos aos alunos.

2. O PLANEJAMENTO: ASPECTO FUNDAMENTAL PARA A PRÁTICA EM SALA DE AULA

A fim de realizar os objetivos elencados anteriormente, essa seção é dedicada à revisão teórica do trabalho. Inicialmente comentaremos a importância do planejamento para o trabalho em sala de aula, em seguida adentramos no exercício do professor de literatura, salientando o desafio de ensinar a literatura. Por fim, faremos algumas considerações sobre o nosso objeto de estudo, a literatura de cordel.

Antes de comentarmos aspectos mais detidos quando ao planejamento das aulas, consideramos relevante atentar para os apontamentos do PCN quanto ao trabalho com os alunos:

Atender necessidades singulares de determinados alunos é estar atento à diversidade: é atribuição do professor considerar a especificidade do indivíduo, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das medidas adotadas.[...] , a atuação do professor em sala de aula deve levar em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor ou psíquico, ou de superdotação intelectual. Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a autoestima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam às necessidades individuais. (BRASIL, p.96-97).

Como foi assinalada acima, a prática docente é sempre uma tarefa desafiadora que requer muita pesquisa, estudos, e reflexões constantes para se adequar à realidade

dos alunos, ao conteúdo, ao interesse dos discentes. Para tanto, é fundamental que o profissional esteja atento às necessidades dos alunos em sala de aula, a fim de mantê-los constantemente motivados, bem como manter a sua própria motivação, que, certamente, refletirá nos alunos.

Com base nesses aspectos iniciais, desenvolvemos nosso trabalho com os alunos buscando adequar a teoria estudada ao nosso público-alvo. Para isso, foi necessário buscar e resgatar as teorias estudadas e analisadas ao longo da graduação que pudessem somar e contribuir para o nosso trabalho em sala de aula. A fim de expandir essas noções, temos os pressupostos de Oliveira:

É importante destacar que essa ideia de escolha entre teorias coloca o educador numa situação bastante arriscada, particularmente dada à natureza aplicada de sua área de atuação. Pode levar a um consumo superficial da teoria tida como “a melhor” num determinado momento e à desconsideração de outras abordagens que poderiam ser igualmente enriquecedoras. Pode levar, também, a uma utilização simplificadora de princípios mal compreendidos e ainda, ao abandono total da teoria em questão quando uma outra passar a ser considerada a melhor referência. Provavelmente a conduta mais fecunda seria o estudo de muitas perspectivas diferentes, no sentido do aprimoramento técnico do profissional e, portanto, uma elaboração refinada de sua prática a luz das diversas abordagens estudadas. Diferentes teorias podem, certamente, trazer contribuições relevantes à compreensão do fenômeno. (OLIVEIRA, 1993, p.103).

A partir dos apontamentos de Oliveira (1993), entendemos que não deveríamos estar restritos a uma abordagem e desprezar as diversas abordagens existentes. É necessário que o professor esteja ciente de que teorias são complementares e que o fundamental é que haja uma adaptação entre conceitos, público-alvo e objetivos. Entretanto, só é possível pensar nessa suplementação entre abordagens se houver uma preparação prévia, ou seja, um planejamento. Para pensarmos sobre a importância do planejamento, atentemos para as considerações de Vasconcellos (2000):

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal [...] O planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-se numa perspectiva de mudança. (VASCONCELLOS, 2000, p. 35).

Analisando as considerações do autor, não buscamos partir do “incrível”, mas sim fazer das aulas um momento de reflexão, no qual os alunos pudessem evoluir e triangular conhecimento. Mas como assinala Vasconcellos (2000), todo esse processo

só é possível se o planejamento for ancorado numa perspectiva de mudança, de descobrimento junto aos discentes.

2.1 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LITERATURA: O DESAFIO DE ENSINAR LITERATURA

Como comentado no tópico anterior, o planejamento das aulas é fundamental para a realização de boas atividades junto aos alunos. Mas antes de iniciarmos o planejamento é imprescindível conhecer o objeto de estudo, que no caso em questão, é configurado pela literatura. Ao pensarmos nisso, somos levados a outro questionamento: O que é ensinar literatura? Como fazê-lo? É a partir desses questionamentos que podemos entender a complexidade de nosso objeto de estudo.

Se nos propomos a ensinar gramática temos uma noção básica das atividades que devemos desenvolver: selecionamos conteúdos, realizamos exercícios de fixação, mostramos quais são as regras e as exceções. Mas quando o nosso foco é literário não podemos caminhar pelo mesmo viés. Cosson (2013) problematiza ainda mais essa questão quando afirma que o professor do ensino superior, mestre ou doutor em literatura, não recebe nenhum tipo de formação específica para ser professor. O autor comenta que apesar da experiência que os alunos vivenciam na prática supervisionada de estágio, a formação dos profissionais ainda não pode ser considerada satisfatória.

Além desse fator previamente citado, Cosson (2013) salienta a escassez de produção teórica e metodológica na área literária, um aspecto que explica a dificuldade em pensar no ensino literário. Além disso, o pesquisador aponta que, ao ensinar as séries finais do Ensino Fundamental, o professor não encontra propostas metodológicas de literatura específicas para esse segmento de ensino. Pensando nisso o autor aponta que o professor de literatura tem que ser primeiramente um leitor de textos literários.

Por leitor, Cosson (2013) não considera apenas o gostar literário – que também é importante – mas sim, o conhecimento de um repertório de obras literárias. Só a partir desse amplo conhecimento é que se pode selecionar o que será trabalhado com os alunos, atentando para a experiência da literatura, a atualidade, tanto das produções contemporâneas quanto dos textos que fazem parte da tradição. Além disso, é fundamental que o professor possua uma concepção da literatura, para que assim relacione conhecimentos literários, teóricos, analíticos e pragmáticos (COSSON, 2013). A afirmação de Pinheiro (2006) complementa a discussão:

(...), não defendo a ideia de se começar estudar literatura partindo de conceitos advindos da teoria da literatura. Acho a teoria importantíssima, mas para os professores, para os críticos, para os leitores já iniciados. (PINHEIRO, 2006, p. 155).

Analisando a afirmação de Pinheiro (2006) percebemos a importância de pensar no conhecimento literário através de junção, complementação entre a teoria e o prático, o analítico e o conceitual, sabendo que todos esses elementos são importantes, mas salientando sua maior importância quando interligados.

2.2 A LITERATURA DE CORDEL

Para o desenvolvimento da nossa sequência, optamos pelo trabalho com a literatura de cordel. O fizemos porque consideramos que o trabalho com a literatura popular permite que possamos refletir com os alunos a importância da valorização de nossa cultura, ou melhor, de nossa própria realidade. Durante a nossa atuação em sala de aula focalizamos que a literatura popular tem sua origem advinda da oralidade. Como aponta Zumthor:

Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas. (ZUMTHOR, 1997, p. 10)

A partir desses apontamentos, conceituamos para os alunos a importância das manifestações orais para o nascimento do texto escrito, no caso, a materialização do cordel. Fonte de contos, cantorias e outras diversas narrativas orais os hoje conhecidos como cordéis tiveram sua primeira distribuição de folhetos, e o ritmo, a musicalidade e a métrica foram as principais características de sua execução.

O interessante é constatar que em meio aos veículos de comunicação em massa, como rádio e televisão, o folheto continua sendo uma forma de divertimento para o leitor. Além disso, o cordel também tinha um viés informativo, sendo assim um dos poucos meios de comunicação existentes no nordeste brasileiro. Era através do cordel que muitos aprendiam a ler, ou então memorizavam a história a fim de passá-la a diante. Assim as histórias em cordel se configuram como representações de um contexto histórico. Como aponta Galvão:

Os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam, desse modo, relacionados à sua semelhante portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII. (GALVÃO 2001, p. 29)

Como podemos observar, a literatura de cordel é advinda de uma cultura portuguesa, que chega ao Brasil logo após os primeiros séculos do descobrimento. Entretanto, é relevante salientar que a literatura popular brasileira não foi denominada literatura de cordel, mas sim folhetos. Os folhetos brasileiros eram muitos semelhantes à literatura portuguesa, com a diferença de que a última apresentava uma métrica bastante variável. Os folhetos brasileiros só passaram a ser chamados de cordéis na década de 70, quando os estudiosos abandonaram as antigas nomenclaturas a eles destinadas.

Em nosso estágio supervisionado nos propomos apresentar um pouco desse patamar histórico aos alunos, mas acima disso, nos preocupamos em despertar o senso crítico do aluno, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica e política que envolve os cordéis e a cultura nordestina.

A cultura popular originada das tradições populares das sociedades ao longo dos tempos apresenta à vida, os sentimentos, as formas de expressão de um povo, permitindo, assim, a formação de uma identidade. Neste sentido, Pinheiro (2001, p. 80) nos diz que precisamos ter “uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder-lhe aprender o sentido e não interpretá-la de modo redutor. ”

2.3 A LEITURA EM SALA DE AULA

Tendo em vista que o nosso trabalho com a literatura de cordel foi pautado na leitura oral, consideramos imprescindível comentarmos alguns aspectos do processo de leitura em sala de aula. Na sociedade moderna possuir o domínio da habilidade de leitura proficiente garante o exercício da cidadania, o acesso aos bens culturais e a inclusão social. Logo, a leitura exerce um papel essencial para o desenvolvimento do ser humano, e a escola possui um grande papel na ampliação do hábito de ler, embora haja muitas dificuldades encontradas com os acervos disponíveis pelas escolas. Para Bamberg:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas públicas. (1987, p. 92)

Aquelas crianças que vão sendo influenciadas em casa pelos pais, vão adquirindo o hábito da leitura desde cedo e a escola tem por obrigação proporcionar a seus alunos acesso ao conhecimento e a leitura. Para isso, é necessário que contenha bibliotecas com acervos diversos, dando ênfase à idade do aluno, livros em boas condições, literaturas atuais, bons espaços físicos, boa iluminação, são alguns dos fatores que podem contribuir para que o aluno goste de frequentar o ambiente da biblioteca. Para Bamberg (1987, p.50) “a oportunidade de ler, ou seja, a disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar interesses de leitura.”

O professor ao realizar atividades que envolvem debates, a leitura crítica e comparativa de livros literários, cordéis, poema, dramatizações, visita a biblioteca, entre outras são algumas formas para se trabalhar a leitura em sala e, dessa forma, desenvolvendo no aluno a capacidade de pensar e crescer. Para Zilbermann (1986) os projetos de leitura em sala de aula constituem uma peça importante na aproximação do aluno com as obras de ficção.

Conseqüentemente a proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando, sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Pois é deste intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, que emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete. (p.21)

Desse modo, aos poucos esse aluno vai caminhado para se tornar um bom leitor e passa a descobrir o significado literal de uma passagem, ele se envolve em vários passos, isto é, começa a fazer referência, vê implicações, julga a veracidade, eficiência ou adequação das ideias, compara os pontos de vista de autores diferentes, aplica as ideias adquiridas às novas situações, enfim, esse aluno passa a refletir sobre o que leu, passa a ser um sujeito pensante, reflexivo.

3. RELATO DAS ATUAÇÕES: UMA ANÁLISE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Após comentarmos os aspectos teóricos referentes à prática de estágio, ao trabalho do professor de literatura e ao nosso objeto de estudo, a literatura de cordel e ao processo de leitura em sala de aula, dedicamos essa seção a análise de nosso trabalho em sala de aula. Para tanto, analisaremos as atividades desenvolvidas com os alunos do curso *Literarte*, salientando como as atividades foram executadas, como foi à recepção dos alunos, quais foram as dificuldades por nós encontradas e também quais as

adaptações realizadas na sequência didática para atender aos contratempos que ocorreram durante o nosso período de regência.

Para a realização da prática docente, foram desenvolvidas atividades de observação, participação e regência da rotina escolar docente e discente, nas quais dedicamos muitos momentos à pesquisa e aos estudos, com a finalidade de elaborar um bom planejamento. Percebemos que, ao realizarmos as atividades no período de prática regente, colaboramos para o despertar da aprendizagem, e promovemos momentos significativos de interação e reflexão com os alunos. O estágio fora relevante no aprimoramento de nossos conhecimentos e no enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Nosso trabalho na escola foi dividido em dois módulos, o primeiro foi intitulado *A literatura multifacetada: o fascínio da literatura de cordel*. É relevante apontar para o fato de que o trabalho com os cordéis foi executado logo após serem trabalhados aspectos referentes à música popular brasileira – um trabalho realizado pela dupla anterior.

Para esse primeiro módulo, objetivamos introduzir o trabalho com a literatura de cordel mostrando aspectos básicos para fundamentar nosso primeiro contato com os alunos – nesse primeiro dia apenas seis alunos compareceram ao curso – mas antes de adentrar propriamente na teoria da literatura de cordel, decidimos trabalhar com os alunos com a leitura do texto “No nordeste é diferente, é assim que a gente fala” de Ismael Gaião. Selecionamos tal exemplar poético por este contemplar o vocabulário da cultura nordestina, observemos isso a partir de um fragmento desse texto:

No Brasil pra se expressar
Há diferenciação
Porque cada região
Tem seu jeito de falar
O Nordeste é excelente
Tem um jeito diferente
Que a outro não se iguala
Alguém chato é Abusado
Se quebrou, Tá Enguiçado
É assim que a gente fala

Ao fazermos a leitura oral desse texto junto com os alunos escutamos um deles fazer o seguinte comentário: –Ah, esse jeito de falar é muito feio! A partir daí começamos a entender um pouco do que se passava pelo imaginário dos jovens alunos, de que a cultura nordestina é feia, isso justificado pelo seu caráter popular, informal.

Discutimos a importância das manifestações culturais nordestinas junto aos alunos, frisando que cada cultura é bonita em sua diversidade. Percebemos que essa discussão elucidou os alunos, e assim continuamos com o nosso planejamento motivadas pelos seguintes questionamentos: O que é a literatura de cordel? Qual a origem dessa literatura? Qual a sua estrutura e principais características? Quais os principais representantes da literatura de cordel no Brasil? Qual a sua importância para a cultura nordestina?

A partir desses questionamentos, guiamos nossa exposição oral (com o auxílio de recursos audiovisuais) sempre motivando os alunos a participar, e assim relacionar os conhecimentos por eles possuídos àqueles que estavam ali sendo apresentados. Dentre os seis alunos presentes, apenas uma aluna relatou conhecer exemplares de cordel, algo que a mesma descreveu como sendo advindo da cultura de seus familiares.

Após desenvolvermos nossa exposição oral motivados pelos questionamentos anteriormente apresentados, entregamos um *quiz* com perguntas simples para checar a apreensão dos alunos quanto ao conteúdo trabalhado. Ao corrigirmos o exercício, percebemos a excitação dos alunos, pois além de refletirem sobre a própria cultura, também estavam aprendendo mais sobre ela.

Para dar continuidade as atividades do curso, trouxemos o poema “*O que é literatura de cordel?*” de Francisco Diniz, que consideramos interessante por apresentar aspectos gerais sobre a literatura de cordel, comentando temática, estrutura e características, além de detalhes sobre a fabricação das xilogravuras, como comprova o trecho a seguir:

A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesão,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução

Como os alunos já conheciam as características do cordel, o poema de Francisco Diniz serviu para complementar as discussões e os apontamentos por nós apresentados. Além disso, passamos a versão musicada desse mesmo poema para os alunos, algo que os motivou ainda mais pelo estudo dos cordéis, e ficou evidente pelos comentários positivos acerca da temática.

Até esse momento da aula estivemos apenas discutindo sobre o cordel, mostrando conceitos e características, mas ainda não havíamos feito um estudo de exemplar de cordel propriamente dito. Então, como planejado entregamos a cada um

dos alunos o cordel *Pavão Misterioso* de autoria de José Bernardo da Silva. Seguimos a mesma abordagem de todos os outros textos trabalhados e fizemos a leitura oral junto aos alunos.

Como nos outros textos, também questionamos aos alunos se eles haviam achado o texto interessante, e as respostas foram cada vez mais receptivas. Após a leitura do cordel, indagamos os alunos sobre sua temática, sua linguagem e seu enredo, e percebemos um pouco de dificuldade por parte dos discentes em fazer um resumo dos acontecimentos. Também foi perceptível a falta de familiaridade com a leitura oral, clara na dificuldade em ler marcando a pontuação e acentuação do texto.

No segundo módulo intitulado *A literatura multifacetada: produzindo literatura de cordel* tivemos que fazer algumas alterações, tínhamos como objetivo a produção de um cordel, mas ao invés de produzir um cordel, os alunos realizaram uma atividade para suprir as dificuldades apresentadas quanto ao entendimento do enredo do cordel *Pavão Misterioso*. Na atividade, além de revisarmos os ensinamentos da aula anterior, procuramos recuperar (através de perguntas) os elementos que constituíam a história estudada. Observemos um recorte do exercício:

Estudando o cordel "Pavão Misterioso"-----

o4) a) Você considerou a linguagem do cordel simples? Quais palavras foram difíceis de compreender (procure no texto)? _____

b) quais são os personagens principais do cordel? Como você poderia caracterizar cada um deles? _____

c) onde se passa a história? _____

d) para que serve o pavão misterioso? Por que evangelista decide encomendar um? _____

e) quantas vezes evangelista utiliza o pavão misterioso? _____

f) como termina a história? _____

No que pode ser observado, a primeira questão aponta para o estudo da linguagem do cordel, esta que os alunos retrataram como simples, descomplicada, facilitando assim a compreensão. A segunda e a terceira pergunta exige que os alunos voltem ao texto e encontre dois de seus elementos: os personagens e o espaço. Os

alunos não apresentaram dificuldades em recuperar as características desses dois elementos da narrativa. Na terceira pergunta, checamos se os alunos entenderam enredo da história, para que na quarta pergunta posássemos checar a atenção dos alunos aos acontecimentos da trama. Na última pergunta voltamos a retomar o enredo das histórias, um movimento que foi facilmente realizado pelos alunos.

Em outro momento da atividade, trouxemos um poema de um dos grandes nomes da poesia popular, Patativa do Assaré. Dentre os diversos exemplares da poética do autor, escolhemos uma de suas produções mais conhecidas, o poema *Cante lá que eu canto cá*. Abaixo podemos observar a última estrofe desse poema:

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá

Escolhemos pelo trabalho com Patativa do Assaré para fazer com que os alunos refletissem sobre a própria cultura, e também para checarmos se sua percepção negativa sobre a cultura nordestina teria mudado desde o início do nosso trabalho.

Após fazermos a leitura oral e uma breve discursão do poema junto aos alunos, terminamos o tempo do segundo módulo, deixando-lhes uma atividade para casa que guiaria nossa análise do poema. No terceiro dia de aula, retomamos a atividade, na qual questionamos os alunos sobre os seguintes aspectos do poema:

01) A LINGUAGEM ENCONTRADA NO CORDEL, É FORMAL OU INFORMAL? Como você pode perceber isso (exemplifique com palavras retiradas do texto)? _____

02) do que trata o cordel? Você acha que esse tema é importante? Justifique sua resposta _____

03) o que você entende por "cante lá que eu canto cá"? _____

o4) esse cordel tem alguma coisa de semelhante com o cordel “pavão misterioso”? Se sim, o quê? _____

Como fica evidente pelo primeiro questionamento, indagamos aos alunos os efeitos da linguagem peculiar dos poemas de Patativa do Assaré. Os alunos relataram que tiveram dificuldade no momento de leitura, mas compreenderam que o objetivo do autor em escrever as palavras “erradas” ortograficamente era se aproximar ao máximo do registro oral. O que percebemos foi que apesar da linguagem inusitada do texto, os alunos não se mostraram resistentes ao trabalho com o texto, demonstrando a maturidade que estava sendo adquirida no decorrer das aulas.

A segunda e a terceira questão são complementares, ambas dedicadas a checar se os alunos conseguiram entender a temática trabalhada e a importância desse tema para a sequência que realizamos em sala com eles. Sobre essas duas questões, também percebemos que os alunos tiveram um pouco de dificuldade em perceber a relação do texto com o refrão “cante lá que eu canto cá”. Mas após algumas discursões, acreditamos que essa relação foi-lhes elucidada.

Na última questão tivemos como objetivo relacionar os conhecimentos dos alunos quanto ao cordel e pedimos para que eles comparassem as duas produções. Nessa atividade os alunos puderam facilmente identificar a pluralidade de temáticas que podem ser abordadas em um cordel, além de identificarem a diferença entre a linguagem dessas duas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluirmos nosso relato, ressaltamos que o trabalho com o folheto de cordel em sala de aula não pode ser resumido a uma simples leitura dos textos ou até mesmo a uma produção de um cordel. Esse trabalho deve ir mais longe, procurando sempre estabelecer relações entre o que está escrito e a realidade que cerca nosso alunado, levando o aluno a pensar sobre qual o seu lugar no mundo e o daqueles que produzem, consomem e apreciam a Literatura de Cordel.

Neste sentido, a Literatura de Cordel pode contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar

o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto.

Em suma, abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir sobre as concepções de leitura, de literatura e de ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor literário. In: *Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa*. Campinas, SP: Mercado das letras, Dourados, MS: Editora da Universidade Federal de Dourados, 2013.

BAMBERG, Richard. *Como Incentivar o Hábito da Leitura*. São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

COSSON, Rildo. A formação do professor de literatura – uma reflexão interessada. In: *Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa*. Campinas, SP: Mercado das letras, Dourados, MS: Editora da Universidade Federal de Dourados, 2013.

GALVÃO, Ana Maria de O. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. O estágio curricular no curso de Letras: O desafio de ensinar a ensinar literatura. In: *Ensino de língua e literatura: políticas, práticas e projetos*. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012.

MAGALHÃES, Belmira. O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história. In: *Leitura*. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. São Paulo. Scipione, 1993

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas cidades, 2001. (Coleção Literatura e ensino; v 2).

PINHEIRO, Hélder. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. In: PINHEIRO, Hélder e NÓBREGA, Marta. (Orgs.). *Literatura: da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico*. São Paulo. Libertad. 2000.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.